

ENUNCIÇÃO E DISCURSO: PERSPECTIVAS ATUAIS

Maria da Glória di Fanti
Leci Borges Barbisan

Muito se fala, se escreve e se discute atualmente – na Europa e, há algum tempo, no Brasil – sobre questões relativas a *enunção* e *discurso*. Pensar em estudos da enunção exige reflexões complexas em torno das bases epistemológicas que levaram à criação de diferentes olhares sobre os fenômenos discursivos e enunciativos. Leituras atentas dos primeiros estudos feitos sobre linguística, que resultaram no *Curso de linguística geral* – anotações de aulas ministradas por Ferdinand de Saussure – têm permitido a alguns pesquisadores encontrar subsídios, ainda não esgotados, para a fundamentação de teorias enunciativas e discursivas.

Incontáveis discussões já foram realizadas em torno da *linguagem*, vista pelo mestre de Genebra como constituída pela *língua* e pela *fala*. Durante boa parte do século XX, escritos diversos focalizaram a relação entre os dois conceitos, vendo-os muitas vezes separadamente e dando prioridade ao estudo da língua, interpretações de que várias teorias são até hoje devedoras. Algumas leituras, centradas na relação entre língua e fala, têm problematizado, entretanto, esse posicionamento, aprofundando e alargando o olhar sobre a questão.

Dando continuidade a essas reflexões, portanto ainda não exauridas, pode-se pensar que algumas afirmações atribuídas a Saussure – não esquecendo que o *Curso de linguística geral* não foi escrito por ele – muito provavelmente não estiveram na sua teoria. Mas é verdade que, até há poucos anos, a mansão da família Saussure ainda não havia revelado ao mundo dos linguistas os manuscritos que, transcritos, constituíram os *Escritos de linguística geral*, que hoje se conhece. Tem-se nessa publicação realmente o pensamento e a “mão” de Ferdinand de Saussure, e aí é possível ler-se alguns enunciados reveladores, tais como “a língua só é criada em vista do discurso”, “a língua entra em ação como discurso” e outros, que são apresentados na página 277 da edição francesa publicada em 2002. Encontram-se, muito provavelmente, nessas palavras do mestre, os fundamentos de teorias que se inscrevem hoje no campo da enunção e do discurso.

Sabe-se também que há teóricos do discurso que não conheceram Saussure e outros que entraram, até mesmo, em tenso diálogo com ele, assumindo diferentes fundamentações filosóficas. No entanto, não se pode dizer que haja alguma vertente do discurso que defenda a separação entre *língua* e *fala*. Em outras palavras, as várias

teorias do discurso têm como ponto comum, o que permite colocá-las no mesmo campo, a compreensão de que a língua e o emprego da língua são indissociáveis. Algumas dessas teorias atuais, fundamentadas em diferentes princípios, podem ser encontradas, nesta obra, como apoio à discussão sobre enunciação e discurso.

Os capítulos que compõem este livro estão distribuídos em três seções. Abre a primeira seção, **Enunciação e discurso**, o trabalho de Dominique Maingueneau, intitulado “Enunciação ligada, enunciação desatada”. Nele, o analista do discurso traz para debate duas problemáticas que têm instigado suas reflexões: a de aforização e a de autor. Embora elas possam parecer muito distantes uma da outra, já que a aforização trata das frases sem textos e a noção de autor é fundamentalmente ligada à responsabilidade pelo texto, Maingueneau propõe-se a mostrar a produtividade da comparação entre ambas no plano enunciativo, no que tange às noções de enunciação “desatada” e enunciação “ligada”.

Diana Pessoa de Barros, em “Algumas reflexões semióticas sobre a enunciação”, propõe-se a tratar de questões de enunciação a partir da semiótica discursiva de origem francesa. A linguista-semioticista ou semioticista-linguista, como se designa, pautada nos estudos de A. J. Greimas, considera a semiótica francesa uma teoria do discurso que tem por finalidade o exame dos processos de significação dos textos, para mostrar o que neles é dito, que sentidos produzem e com que procedimentos linguístico-discursivos constroem os sentidos. A autora analisa anúncios publicitários de bancos mostrando duas direções assumidas pelas reflexões semióticas: a do exame da enunciação como organização sintática narrativa de seus actantes, especialmente do sujeito, articulado em enunciador e enunciatário; a de tratar da enunciação como investimento semântico de seu autor, em um conjunto de textos.

Em “Dialogismo, enunciação e argumentação”, José Luiz Fiorin assume a tese de que a argumentação diz respeito ao discurso, cujo funcionamento é dialógico, e não à língua. Parte do silogismo aristotélico, em termos de raciocínio necessário, vinculado à lógica. Considera, a seguir, a noção de preferível, ligada à retórica, como arte oratória de convencer pelo discurso, e refere os sofistas e Greimas. Apoiado em exemplos retirados principalmente de textos literários, o autor demonstra sua tese com conceitos greimasianos.

Marlene Teixeira, em “Um olhar enunciativo sobre o discurso”, traz para discussão formulações a respeito da linguagem, desenvolvidas por Émile Benveniste, procurando mostrar que suas contribuições chegam a outras áreas do conhecimento, ultrapassando, desse modo, a descrição intralinguística. Com esse objetivo, a autora propõe uma reavaliação do alcance da noção de subjetividade em Benveniste, levando-a para além dos indicadores clássicos, no sentido de poder pensar, numa perspectiva enunciativa, o discurso situado socialmente.

Na segunda seção do livro, **Enunciação, discurso e produção de sentidos**, José Gaston Hilgert, em “Os problemas de compreensão na fala na perspectiva da

construção interativa da compreensão”, analisa dificuldades de compreensão que fazem com que, na própria interação, sejam construídas sequências para a solução da incompreensão. Considerando que a compreensão é condição para a eficiência das interações sociais e que só é percebida sua importância quando os falantes se deparam com dificuldades no desenrolar de uma conversa, o autor propõe-se a mostrar que não se trata de verdadeiros “problemas”, mas de instâncias que são próprias à construção da compreensão no diálogo.

Em “‘Escovando’ palavras: movimentos possíveis de interpretação”, Aracy Ernst Pereira traz para debate a preocupação com a constituição dos sentidos a partir da relação entre descrição e interpretação. Para tanto, tendo como base a análise do discurso de orientação francesa, a autora busca uma teoria que considere a língua com características de incompletude e equivocidade, que entenda um sujeito determinado pelo inconsciente e pela ideologia, e que olhe o sentido sob seus aspectos social e histórico. Nesse contexto, apresenta três conceitos-chave para a interpretação: a *falta*, o *excesso* e o *estranhamento*. Tais conceitos deverão permitir a identificação de elementos para a formulação de processos de análises.

No capítulo “Contribuições dos estudos de gêneros do discurso para os estudos da língua”, Rosângela Hammes Rodrigues, observando a problemática no diálogo entre os estudos do discurso e dos gêneros e os estudos da língua, no que se refere à falta de bilateralidade nas contribuições, apresenta reflexões sobre a contribuição da teoria de gêneros para o estudo da língua. No desenvolvimento da proposta, a autora baseia-se no referencial teórico dos gêneros do discurso do Círculo de Bakhtin.

Maria Cecília Souza-e-Silva, em “Sistemas de ensino: produção discursiva de sentidos sobre a educação e o trabalho do professor”, discute, sob o ponto de vista discursivo, a mercantilização do ensino no Brasil, relacionando-a à atividade de trabalho do professor e ao avanço da tecnologia. A problematização é desencadeada por três questões: a apreensão dos sentidos de discursos sobre os sistemas de ensino; o impacto da tecnologia sobre esse dispositivo; o saber necessário para compreender o trabalho do professor que utiliza tais sistemas.

Na terceira seção, **Enunciação, discurso e argumentação na língua**, Leci Borges Barbisan, em “O sentido no discurso: o olhar da Teoria da Argumentação na Língua”, tomando como objeto de estudo o discurso, dedica-se a buscar uma explicação para o sentido construído no emprego da língua. Encontrando no conceito de alteridade de Platão a fundamentação filosófica da Teoria da Argumentação na Língua, criada por Oswald Ducrot na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, a autora, embora reconheça a complexidade da constituição do sentido na linguagem, procura refletir sobre as noções de valor e relação saussurianas como possibilidade de explicação, em diferentes níveis, da natureza do sentido no discurso.

Em “Sentidos argumentativos e polifônicos de *pecar* em poema de Gregório de Matos”, Telisa Furlanetto Graeff, tomando como base a Teoria da Argumentação na

Língua, na versão que alia conhecimentos da Teoria da Polifonia com a Teoria dos Blocos Semânticos, analisa os sentidos da palavra *pecar* no poema “A Jesus Cristo Nosso Senhor”. Mostra, desse modo, como a Teoria dos Blocos Semânticos mantém e até mesmo radicaliza a ideia fundadora de que a argumentação está na língua.

Em “Semântica Argumentativa: a Teoria e seu potencial para a pesquisa e o ensino”, Tânia Maris de Azevedo observa que a argumentação é constitutiva do sentido do que se produz por meio de uma língua, já que a argumentação está inscrita no próprio sistema linguístico utilizado para dizer. A autora apresenta reflexões teórico-metodológicas da semântica argumentativa para a descrição do sentido do discurso, visando possibilitar a aplicação da teoria à pesquisa e ao ensino. Apresenta alguns resultados da proposta, bem como da transposição didática que pode tornar possível a utilização da teoria no ensino da língua materna.

Valdir do Nascimento Flores, em “Sobre a *fala* no *Curso de linguística geral* e a indissociabilidade *língua/fala*”, propõe uma leitura do *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure, em que se observe o tratamento dado à *linguística da fala*. Para tanto, foca atenção em três pontos: a explicitação do *programa* da *linguística da fala*, apresentado no “Prefácio” do *Curso*, o tratamento dado à *fala* no livro e uma reflexão, a partir de estudo específico acerca da *analogia*, visando argumentar em favor da indissociabilidade *língua/fala*. Este texto, que encerra a terceira seção, tem a peculiaridade de discutir as bases saussurianas, que subsidiam a Teoria da Argumentação na Língua, referencial teórico que fundamenta os trabalhos da seção.

Agradecemos aos autores dos capítulos desta obra, especialistas em suas áreas de atuação – análise do discurso, semiótica discursiva, linguística da enunciação, linguística aplicada, semântica argumentativa, etc. –, por terem aceitado o desafio de participar deste projeto, trazendo a público importantes reflexões teórico-metodológicas acerca da enunciação e do discurso. São diferentes olhares voltados para um mesmo fim: explicar o funcionamento da linguagem em variadas materializações.

Se, por um lado, cabe-nos fazer reverência aos autores pelas imprescindíveis contribuições, por outro, cabe-nos convidar os leitores a percorrer os labirintos da linguagem postos em cena em *Enunciação e discurso: tramas de sentidos*. O nosso desejo é que a obra instaure um espaço privilegiado de reflexão sobre a língua em uso e que não só apresente respostas pontuais aos questionamentos, mas também instigue interrogações e aponte caminhos.

Bibliografia

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1969.

_____. *Écrits de Linguistique Générale*. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.